

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Evelyn Wolf

**ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA UFRGS:
Seus limites e suas possibilidades**

Porto Alegre

2014

Evelyn Wolf

**ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA UFRGS:
Seus limites e suas possibilidades**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em
Educação Física pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle

Porto Alegre
2014

Evelyn Wolf

**ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA UFRGS:
Seus limites e suas possibilidades**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

– UFRGS

Orientador: Prof. Dr.Fabiano Bossle – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, César e Rosana, por tudo que fizeram por mim durante todos esses anos.

Aos meus irmãos, Bianca e César, por estarem sempre ao meu lado.

As minhas dindas, Regina e Adriana, por sempre me ajudarem quando precisei.

À minha vó Eva, por ter me aturado e acolhido em sua casa.

A professora Janice Mazo, por ter estado presente em toda a minha vida acadêmica, com auxílio e oportunidades.

Ao professor Alberto Monteiro, por ter me dado a oportunidade de trabalhar com o que eu mais gosto.

Ao professor Fabiano Boslee, por ter me auxiliado nos momentos de dificuldades.

As minhas grandes amigas, Tuany, Alice, Suelen, Vivian e Grasiela, por terem dividido comigo esses anos todos que passamos na faculdade.

Aos atletas e colegas das comissões técnicas das equipes de futebol masculino, handebol feminino e masculino, por terem sido pacientes com as minhas neuras de organização durante os treinos e campeonatos que tive a oportunidade de participar como membro da comissão.

Aos colegas do PET Educação Física, que me auxiliaram muito durante o tempo em que fiz parte do grupo e mesmo depois que sai.

Aos colegas e mestres que cederam um pouco do seu tempo para responderem as minhas perguntas e assim auxiliar na execução desse trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

O esporte universitário no Brasil vem crescendo anualmente, com cada vez mais universidades apoiando a participação dos seus alunos/atletas nas competições nos âmbitos estaduais, nacional e até mesmo mundial. Esta pesquisa de viés qualitativo buscou realizar uma análise do esporte universitário no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, verificando os seus limites e suas possibilidades a partir de alguns envolvidos. Para tanto, foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas, com os alunos bolsistas (10), com os professores coordenadores de cada esporte (7) e com o diretor de esportes da UFRGS. Após as entrevistas foi possível compreender que a Universidade não possui uma política formalizada para o esporte, onde não se tem a garantia de que ele vai continuar sendo incentivado, podendo ser cancelado a qualquer momento, por uma troca de Reitor ou simplesmente por não ser mais interessante para a Universidade manter o projeto, assim como não se tem uma verba destinada especificamente para ele. Foi interpretado, também, que o esporte vem crescendo na universidade, com mais estrutura em sua organização. Um dos pontos positivos levantados tanto pelos alunos quanto pelos professores é o de que, apesar de não haver bolsa atleta, os alunos não têm gastos com suas participações nas competições, tendo as inscrições e a alimentação custeadas pela Universidade.

Palavras-chaves: Esporte universitário. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

The university sports in the Brazil is increasing annually, with universities increasingly supporting the participation of their students/athletes in competitions in state, national and even worldwide fields. This bias qualitative research attempts to make an analysis of university sports in the Federal University of Rio Grande do Sul, checking their limits and possibilities from some involved. For this, 18 semi-structured interviews with the scholarship students (10), with the head teachers of each sport (7) and the sports director at UFRGS were performed. After the interviews it was possible to understand that the University does not have a formal policy for the sport, where there is no assurance that it will continue to be encouraged, and may be canceled at any time for an exchange of Rector or simply for not being more interesting for the University to keep the project as well as does not have an allocation specifically for it. Was also interpreted that the sport is growing university, with more structure in your organization. One of the positive points raised by both students and teachers is that although there are no athletic scholarship, students are not spending their participation in competitions, with their inscriptions and their food paid for by the University.

Keywords: University sport. Federal University of Rio Grande do Sul. Qualitative Research.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MÉTODOS	10
3 RESULTADOS.....	11
3.1 RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O ESPORTE UNIVERSITÁRIO	11
3.2 CRITÉRIOS PARA A FORMAÇÃO DE UMA EQUIPE ESPORTIVA NA UFRGS	11
3.3 OBJETIVO DAS EQUIPES ESPORTIVAS DA UFRGS	12
3.4 CONDICIONAMENTO PARA AS EQUIPES PARTICIPAREM DE COMPETIÇÕES.....	13
3.5 CAMPEÕES GANHAM ALGUM BÔNUS, BENEFÍCIO OU PRIVILÉGIO? E DESEMPENHOS INSATISFATÓRIOS SOFREM CONSEQUÊNCIAS?	15
3.6 O INCENTIVO DA UNIVERSIDADE PARA OS ALUNOS PARTICIPAREM DAS EQUIPES	16
3.7 CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES NA ESTRUTURA DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO DA UFRGS	17
3.8 O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR ESSA ESTRUTURA?	19
3.9 AQUISIÇÃO DE MATERIAIS PARA AS EQUIPES	21
3.10 A INSERÇÃO DO ALUNO NUMA EQUIPE ESPORTIVA AUXILIA NUM MELHOR RENDIMENTO ACADÊMICO DESSE?	23
3.11 PLANEJAMENTOS E CRONOGRAMAS EM BUSCA DE MELHORES RENDIMENTOS	24
4 DISCUSSÃO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE A – MODELO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	312
ANEXO A – ENTREVISTAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro este, no qual irei apresentar o foco desse estudo, posteriormente teremos o capítulo dois, denominado *métodos*, onde consta a forma como foi estruturada a coleta de dados para a realização da pesquisa, no próximo, onde apresento os resultados, subdividido em onze partes, sendo cada uma referente a uma pergunta da entrevista semiestruturada, a qual é o material principal deste trabalho, o capítulo quatro é o da discussão, onde evidencio os limites e as possibilidades trazidas pelos entrevistados e no último capítulo, termino esse trabalho com a minha conclusão.

Partindo desta premissa, pretendo contribuir para uma melhora na estrutura do esporte universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contudo, esse estudo pretende apontar as características negativas, além das positivas, a fim de identificar e compreender esse contexto.

Este trabalho tem como objetivo verificar quais são os limites e quais são as possibilidades de crescimento do esporte universitário da UFRGS, através de coletas de dados com pessoas envolvidas diretamente com o esporte e com o meu conhecimento empírico, baseio-me para a realização desse.

O esporte sempre esteve muito presente durante minha formação estudantil, desde o Ensino Fundamental intercalava meu tempo entre os estudos e as práticas esportivas, assim aconteceu desde o meu quarto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. Sempre me envolvi com times de futsal e voleibol, nas diferentes escolas em que estudei.

Neste período, além de me dedicar como atleta, também auxiliava os professores na organização dos materiais e, sempre que possível, procurava mobilizar outras colegas, para que assim, os treinos contassem sempre com um número maior de jogadoras. Um fato que me marcou muito durante este período, foi uma ocasião em que, mesmo sendo da equipe infantil do colégio, o professor de Educação Física inscreveu-me como massagista da equipe mirim de futsal em uma competição municipal. Em virtude disso, pude entrar em quadra e auxiliá-lo durante o campeonato. Além desta competição em especial, lembro-me também das Inter-

séries¹, que por vezes, não aconteciam jogos femininos por falta de equipes inscritas e, em razão disso, auxiliava na organização das Inter-séries através da realização das súmulas dos jogos.

A partir deste meu envolvimento com o esporte, durante meu ensino básico, é que decidi cursar Educação Física e, desta forma, poder estudar e participar do esporte, também, em seu âmbito universitário.

Já no âmbito universitário, tive a oportunidade de conhecer melhor a história do esporte. Portando, gostaria de ressaltar que a primeira competição Universitária internacional reconhecida pela Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU), aconteceu em 1829, as Universidades de Oxford e Cambridge disputaram uma regata de remo. A FISU surgiu de maneira oficial somente em 1949, mas já em 1923 o francês Jean Petitjean organizou o Mundial de Jogos Universitários. (FISU, 2014)

No Brasil, de acordo com o atlas do esporte (2006), essa prática esportiva surgiu no final do século XIX, em São Paulo, no Colégio Mackenzie e no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina e Cirurgia. A Confederação Brasileira de Desporto Universitário surgiu em 1939, e em 29 de abril de 1998, a partir do Decreto nº 2.574, que regulamenta a Lei nº 9.615, confirmando ela como a Entidade de Administração do Desporto Universitário Brasileiro, concedendo poderes e deveres equivalentes às demais entidades de administração do desporto.

O esporte universitário no Brasil vem crescendo anualmente, com cada vez mais universidades apoiando a participação dos seus alunos/atletas nas competições nos âmbitos estaduais, nacional e mundial.

O esporte atual, com sua organização em categorias e a uniformização das regras, está ligado à universidade. Os esportes coletivos, como basquete, futebol, rúgbi e voleibol, foram criados dentro de universidades e, como tantas outras modalidades, se espalharam pelo público, ganhando inúmeros praticantes.

Os jogos esportivos universitários coletivos ou individuais, no cenário nacional, cabem à Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), sendo ela a responsável por organizar as competições nacionais e representar o Brasil junto à Federação Internacional de Esporte Universitário (FISU).

¹ INTER-SÉRIES: competições realizadas nas escolas, onde os times são formados pelas turmas, normalmente disputado por grupos de idade. Ex.: 4ª série, 5ª série e 6ª série jogam um torneio, 7ª série e a 8ª série outro.² As entrevistas encontram-se anexadas ao final desse trabalho.

Dentre essas competições, existe os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). Para poder participar dos Jogos, os atletas e equipes têm que passar pelas etapas estaduais – no caso do Rio Grande do Sul, essa etapa é conhecida com Jogos Universitários Gaúchos (JUGs). As universidades participantes devem ser ligadas à Federação Universitária Gaúcha de Esportes (FUGE), podendo ser particulares ou públicas, não havendo diferenciação. Atualmente, todos os estados brasileiros, mais o distrito federal, possuem uma federação ligada à CBDU. (CBDU, 2014).

A realização deste trabalho foi motivada ao perceber que o esporte na universidade não é muito difundido no curso de Educação Física. Pude perceber que a UFRGS têm alunos que sequer sabem quais os esportes que a universidade possui equipes, muito menos as competições que as mesmas disputam.

Outra motivação, é o meu envolvimento com o esporte na universidade desde o primeiro semestre, como atleta e depois como treinadora, onde esse assunto começou a me intrigar, principalmente em verificar como o esporte é estruturado na universidade e de que maneira eu poderia contribuir para torná-lo melhor.

2 MÉTODOS

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter qualitativa, com o objetivo de verificar os limites e as possibilidades do esporte universitário na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram realizadas dezoito (18) entrevistas semiestruturadas², com dez (10) alunos bolsistas, com sete (07) professores coordenadores e com o coordenador de esportes da UFRGS.

Os alunos entrevistados fazem parte das comissões técnicas dos seguintes esportes: handebol, futsal, basquetebol, voleibol, futebol de campo, natação e atletismo. Com exceção do handebol, todos os esportes possuem um professor coordenador, os quais também foram entrevistados.

A entrevista contou com onze (11) perguntas focadas na participação dos alunos/atletas nas equipes e nas competições; na aquisição de materiais; nos pontos fortes na estrutura do esporte na universidade e no que os entrevistados acreditavam que poderia ser realizado para melhorar essa estrutura e, também, sobre o objetivo (participação, lúdico ou competitivo/auto rendimento) das equipes que participaram do estudo.

Essas entrevistas aconteceram na própria universidade, a fim de facilitar a participação dos entrevistados, que já estariam no local, na hora marcada para a realização das mesmas.

Para que não fosse perdido nenhum dado, essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas por mim. Após as transcrições, as entrevistas foram analisadas por pergunta, onde se buscou verificar os pontos importantes ilustrados pelos entrevistados.

² As entrevistas encontram-se anexadas ao final desse trabalho.

3 RESULTADOS

3.1 RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O ESPORTE UNIVERSITÁRIO

Os entrevistados têm uma relação direta com o esporte na UFRGS. Eles são alunos bolsistas (aos quais irei me referir daqui para frente apenas como bolsistas), que são os responsáveis pelos treinos. Estes bolsistas estão em média há 2,1 anos na função de treinadores. Dois dos dez bolsistas começaram neste semestre, 2014/1, e um está exercendo a função há 5 anos.

Os professores que coordenam os esportes estão em média há 13,5 anos na função. O professor que está há menos tempo possui 07 anos de coordenação e o que está há mais tempo como coordenador está há 23 anos. Os coordenadores e bolsistas trabalham em conjunto na organização, e os professores auxiliam os bolsistas na elaboração dos treinamentos. Os coordenadores também exercem a função de elo de ligação desses bolsistas com o diretor de esporte.

A universidade tem como diretor de esportes um técnico administrativo que está há 01 ano e meio no cargo. Ele é o primeiro a assumir essa função na Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), na divisão de esportes, que foi criada há 01 ano e meio. Anteriormente existia um coordenador de esportes, mas ele não era ligado a um departamento específico ao esporte, em razão de nem existir esse departamento.

3.2 CRITÉRIOS PARA A FORMAÇÃO DE UMA EQUIPE ESPORTIVA NA UFRGS

Segundo o diretor de esportes, o primeiro critério é ser aluno da universidade, ou seja, estar matriculado, porém é importante que esse aluno tenha um envolvimento, uma trajetória com o esporte e gostar de uma modalidade esportiva.

Os bolsistas possuem uma visão semelhante entre eles, do que seriam esses critérios, onde quatro deles também ressaltam que tem que ser aluno da universidade, apenas o bolsista do vôlei masculino respondeu que o projeto era aberto à comunidade.

Também apareceu como resposta, que os critérios ficam a cargo dos treinadores, onde eles têm total liberdade de selecionar os alunos/atletas que eles entendem que melhor se encaixam no perfil do time. A qualidade técnica, assim como uma experiência prévia no esporte, também é utilizada como critério de seleção, além desses critérios, o comprometimento, a frequência e a vontade de jogar são fatores que, segundo os bolsistas, também influenciam em quem vai fazer parte da equipe.

Nos dois esportes individuais, as respostas dos bolsistas diferenciam-se um pouco das dos demais, onde no atletismo o bolsista relata que as marcas e os tempos são utilizados para a seleção dos atletas, já na natação a bolsista relata que eles já conhecem os interessados em participar, mas caso seja alguém que eles não conheçam, faz-se uma avaliação para ver se o aluno interessado está apto a participar da modalidade.

Os professores coordenadores não se diferenciaram muito dos seus bolsistas na hora de ilustrar os critérios para a formação das equipes, apontando, praticamente, os mesmos como, por exemplo, o fato de ter que possuir matrícula na universidade, experiência no esporte que deseja participar, vontade de participar e seleção com base nas qualidades técnicas, índices e marcas.

3.3 OBJETIVO DAS EQUIPES ESPORTIVAS DA UFRGS

Conforme o diretor de esportes, podemos direcionar o objetivo das equipes para duas situações: competitiva, onde as equipes são formadas com a intenção de participar de competições no Rio Grande do Sul e de fora do estado e a participativa, onde o diretor ressalta ser uma das principais funções do esporte universitário, em que o aluno se envolve com o intuito apenas de desenvolver algum tipo de atividade física.

Segundo os bolsistas, as equipes da universidade têm como objetivo a competição/alto rendimento. Alguns comentam que é inevitável dizer que o objetivo final é esse, porém, durante os treinamentos não excluem nenhum aluno/atleta, que tenha uma qualidade técnica inferior aos demais. Relatam então que normalmente, em um momento inicial o treino tem caráter participativo, mas que é importante haver a competitividade para que se haja vontade de continuar treinando. Apenas o

bolsista do atletismo mencionou que os alunos/atletas têm procurado participar da equipe mais pelo caráter de rendimento, mas que ele não partilha da mesma opinião, pois gostaria que o objetivo fosse o da participação.

As respostas dos professores coordenadores diferenciam-se das respostas dos bolsistas. Enquanto os alunos comentam que as equipes são competitivas, os professores acreditam ser uma mistura dos três, participativo, lúdico e competitivo, porém com ênfase no participativo e no lúdico, apenas perto da competição os treinos possuem ênfase no competitivo. Conforme o coordenador do atletismo, sua modalidade tem como objetivo a participação, porém os alunos/atletas almejam o resultado, sempre tendo noção de suas limitações. Os professores coordenadores do judô e do vôlei comentaram que as suas equipes universitárias são competitivas/alto rendimento, inclusive, o coordenador do judô, relata que os atletas de sua equipe já participaram da Universiade e dos Jogos Pan-Americanos representando o Brasil.

3.4 CONDICIONAMENTO PARA AS EQUIPES PARTICIPAREM DE COMPETIÇÕES

A primeira condição para uma equipe esportiva participar de competições, segundo o diretor de esportes, é a mesma para que o aluno participe de uma equipe, os alunos devem estar matriculados e, também, serem participantes efetivos nos treinos de suas equipes. Outra condição é o chamamento da FUGE (Federação Universitária Gaúcha de Esportes), responsável pela coordenação e organização dos principais eventos esportivos universitários, realizados no estado do Rio Grande do Sul, tendo como o mais importante os Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), o qual acontece anualmente e proporciona aos campeões uma vaga para competirem nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), o mais importante campeonato universitário em âmbito nacional. No JUBs a coordenação e organização são de responsabilidade da CBDU (Confederação Brasileira de Desporto Universitário).

Os bolsistas acreditam que não há uma condição imposta pela universidade, somente realizam uma avaliação sobre a possibilidade de ida e uma conversa com o diretor de esportes para confirmarem essa possibilidade de participação, ou não, de determinada competição utilizando o nome da UFRGS, para poderem ter as

inscrições custeadas pela universidade. Os bolsistas relatam também que o calendário de competições universitárias é pequeno, tendo, normalmente, só três competições, caso não se obtenha a vaga para a disputa do JUBs, são só duas competições, o JUGs e a Copa UNISINOS. O bolsista treinador do futsal masculino ressalta que a sua modalidade cria competições durante o ano, pois acredita ser poucas só as que ocorrem conforme o calendário.

Os bolsistas acreditam que as condições existentes são somente as impostas por eles e seus coordenadores. Os entrevistados reforçam que os integrantes das equipes devem ser participantes ativos, dos treinamentos e em virtude do número de atletas que podem ser inscritos nas competições, o critério de participação, além do da qualidade técnica, é importantíssimo na hora da escolha dos convocados. Na natação os alunos/atletas necessitam ter um índice, assim como no atletismo. Os bolsistas procuram inserir os que possuem as melhores marcas, porém nem sempre isso é possível, em razão do baixo número de interessados. Com isso, os alunos/atletas, muitas vezes, precisam competir nas três provas, que é o máximo permitido, mesmo não tendo uma boa marca nessas provas.

Duas condições interessantes e diferentes de participação foram citadas por dois bolsistas, o do judô e o do handebol. Primeiramente o bolsista treinador do judô relata que para os alunos/atletas, terem as suas inscrições custeadas pela universidade, é preciso ter uma participação ativa nos treinamentos, porém, não impedem os alunos/atletas que não treinam de participar das competições, mas também esses atletas não ganham o direito de que suas inscrições sejam custeadas pela UFRGS. A segunda condição foi apresentada pelo bolsista do handebol, que afirma que caso as suas equipes, masculina e feminina, tiverem com carência de atleta e de qualidade técnica, ele prefere privar o nome da universidade, portanto, não participa das competições, por temer que suas equipes possam trazer uma imagem negativa vinculada às equipes de handebol da UFRGS.

Portanto, os entrevistados acreditam que, basicamente, as condições para as equipes participarem das competições, estão diretamente ligadas aos alunos/atletas, como, por exemplo, a necessidade de ser aluno da universidade, ter uma boa qualidade técnica, com isso possuir condições de participar das competições e a disponibilidade da divisão de esportes de custear as inscrições. Para o professor coordenador do atletismo, não há nenhuma condição estabelecida pela universidade e o coordenador da natação relata que, em função do limite de três atletas por

prova, às vezes era necessário cortar alguns alunos/atletas de acordo com o desempenho, mas nos últimos anos o interesse dos alunos em participarem da equipe de natação diminuiu, com isso não se tem mais a necessidade de corte. Os entrevistados afirmam ter uma preferência em participar de competições universitárias, citando que a única condição para participar do JUBs, é a classificação garantida conseguindo o primeiro lugar no JUGs, já nas individuais, é necessário obter-se, também, o índice indicado para a prova.

3.5 CAMPEÕES GANHAM ALGUM BÔNUS, BENEFÍCIO OU PRIVILÉGIO? E DESEMPENHOS INSATISFATÓRIOS SOFREM CONSEQUÊNCIAS?

Para a divisão de esportes, não há essa distinção entre campeões ou não campeões, portanto, não há nenhum tipo de benefício, muito menos de consequências. O diretor relata que a função da divisão é dar o apoio necessário para as equipes competirem e que sempre há o direcionamento na vitória, porém o foco principal é na participação dos alunos/atletas e da interação desses com outros universitários, ressaltando há a necessidade das equipes sempre levarem em consideração os valores da ética.

Nessa questão todos os bolsistas compartilham da mesma opinião, a de não existir, por parte da UFRGS, qualquer tipo de privilégio e/ou consequência em relação ao desempenho das equipes nas competições. Ressaltando que o privilégio são as viagens para o JUBs, caso consigam a classificação, que são inteiramente custeadas pela instituição.

Apesar da declaração inicial dos bolsistas sobre não haver nenhum tipo de privilégio e consequência. Eles afirmam, também, que caso a equipe se torne campeã, há o reconhecimento pessoal dos atletas, dos coordenadores e treinadores e também o reconhecimento da equipe ganhadora. Em algumas situações, os bolsistas acreditam que existem benefícios que aparecem de forma abstrata, indiretamente, em situações que uma equipe possui privilégio na aquisição de materiais e/ou direcionamento de verbas em relação às outras equipes. Outro tipo de benefício corresponde em relação ao professor coordenador ou o treinador, pagarem um churrasco para os seus alunos/atletas, quando esses ganham uma competição importante.

Em relação às consequências, conforme os treinadores, são mudanças nos treinamentos, em razão de avaliar os pontos negativos que apareceram em uma determinada competição, para assim tentarem corrigi-los, buscando o maior número de acertos, para que os erros não se repitam em competições posteriores. No atletismo, o treinador busca fazer um remanejamento dos alunos/atletas, visando verificar as qualidades técnicas desses atletas, para tentar redefini-los para uma outra prova, onde esse aluno poderia ter um resultado melhor.

Os professores coordenadores também apontam a inexistência de privilégios em relação às vitórias e das consequências em relação às derrotas, por parte da universidade. Afirmando, igualmente aos bolsistas, que o bônus é o direito adquirido para participar do JUBs, além da premiação prevista nos regulamentos das competições. Apontando também que a vitória motiva os participantes a continuarem treinando, divulga a equipe, trazendo mais interessados à equipe. O privilégio do *churrasco*, também é mencionado pelos coordenadores.

3.6 O INCENTIVO DA UNIVERSIDADE PARA OS ALUNOS PARTICIPAREM DAS EQUIPES

Por se tratar de uma instituição federal, a divisão de esportes afirma não ter condições de fornecer um incentivo financeiro, mas que eles buscam possibilitar as ferramentas para uma melhor execução do trabalho, tanto dos bolsistas, quanto dos próprios alunos/atletas, como, por exemplo, a parceria com o curso de Fisioterapia, onde há uma clínica de fisioterapia para o atleta que sofre qualquer tipo de lesão, seja nos treinos ou em competições, poder ter uma assistência em sua recuperação. O diretor de esportes, relata, também, que em relação aos jogos universitários considerados oficiais (JUGs, JUBs e Copa UNISINOS), a universidade custeia as taxas de inscrições, assim como proporciona um auxílio na alimentação das comissões técnicas e dos alunos/atletas. Em relação à remuneração, a divisão procura proporcionar, juntamente com a reitoria, bolsas para os integrantes das comissões técnicas, normalmente sendo duas por esporte e naipes, sendo essas bolsas dirigidas aos alunos da instituição.

A maioria dos bolsistas acredita que não há muito incentivo realizado pela universidade, inclusive, alguns relatam que não há nenhum. Eles comentam que os

atletas participantes das equipes são alunos que já possuíam vivência no esporte e descobriram as equipes, em virtude de conhecer os alunos/atletas participantes das modalidades de seus interesses. Apontam ainda, a dificuldade das informações das equipes, inclusive de suas existências, chegarem aos alunos que não cursam Educação Física, principalmente aqueles que não frequentam o Campus Olímpico. Segundo os bolsistas, o trabalho de divulgação é realizado, praticamente, por conta deles, normalmente, a divulgação é realizada em forma de cartazes espalhados nos outros campi.

Relatam, ainda, que o incentivo ganho é durante as competições, onde eles não precisam pagar as inscrições e ainda recebem um auxílio na alimentação, assim como, quando possível o transporte para as competições que acontecem fora da grande Porto Alegre. Também foi relatado que há a possibilidade de conseguir um comprovante, confirmando sua participação efetiva em alguma equipe.

Segundo os professores coordenadores, o incentivo é, praticamente, na parte da disponibilização dos materiais necessários para treinos e competições, além do espaço físico cedido para treinamentos, seja na UFRGS ou fora. Os professores também mencionam sobre as bolsas para os alunos participarem das comissões técnicas, os pagamentos das taxas de inscrição, o auxílio para a alimentação nas competições e a apoio aos lesionados, com a clinica de fisioterapia.

3.7 CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES NA ESTRUTURA DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO DA UFRGS

Conforme o diretor de esportes, um ponto forte é a motivação da divisão de esportes em avançar cada vez mais com o esporte universitário, promovendo também atividades de caráter participativo, apoiando também outras modalidades esportivas, que não faziam parte do ambiente da UFRGS, como o triatlo e as atividades de Tai chi, para assim tentar envolver cada vez mais os alunos da universidade nas mais diversas oportunidades para a realização de atividades físicas.

Os bolsistas consideram o espaço cedido pela universidade adequado, bom para a realização dos treinos, seja ele o ginásio, o campo de futebol ou o tatame, porém, acreditam que podem ser realizadas algumas melhorias, como a colocação de refletores no campo de futebol, a reclamação aparece em relação aos horários disponíveis para os treinamentos, que eles consideram poucos, assim como, a questão do direcionamento da verba para a aquisição de novos materiais, em que algumas vezes não consideram ser adequados, mas afirmam conseguir comprar os materiais de acordo com as suas necessidades.

Outro ponto forte apresentado é a maneira como está estruturado o esporte na universidade, tendo um diretor de esportes e um coordenador para cada esporte, a fim de facilitar o trabalho de todos, para que nenhuma pessoa fique sobrecarregada, tendo cada um a sua função e assim tendo a quem recorrer, quando necessário algum auxílio. A modalidade do handebol é a única que não possui um professor responsável, porém o bolsista, afirma que mantém uma boa relação com o diretor de esportes, o que, para ele, pode ser considerado como um dos pontos fortes. A clínica de fisioterapia, também foi citada pelos bolsistas, que acreditam ser algo que esteja crescendo para um melhor funcionamento do esporte na universidade.

A questão da quantidade e da qualidade dos alunos também foi citada como um ponto forte. Conforme o bolsista do atletismo, a universidade possui alunos com boas qualidades técnicas, porém nem todos esses alunos estão inseridos na equipe do atletismo, ele acredita que a razão disso é que até o ano passado, 2013, não havia bolsista responsável, o que prejudicava o planejamento e a participação desses alunos. De acordo com os professores coordenadores o fato de ter uma pessoa responsável pelo esporte fazendo uma ligação entre os envolvidos e a Reitoria, contribui muito para uma melhora do esporte universitário na UFRGS. Outra questão importante é a criação da divisão de esportes, que é responsável pela parte administrativa, burocrática, financeira e possibilita as condições para a participação das equipes nas competições. O aporte de materiais necessários para os treinamentos e as competições, também foi citado como um fator importante, assim como todo o apoio financeiro que a divisão de esportes consegue para as equipes.

Os professores ressaltam a dedicação dos integrantes das comissões técnicas, dos acadêmicos e dos professores, que possuem interesse no esporte universitário. O fato de alguns esportes serem cadastrados como projetos de

extensão, também é considerado como ponto forte, além da participação de professores ministrantes de disciplinas de esportes na graduação junto das equipes, que, segundo os coordenadores, facilita para um maior envolvimento dos alunos que fazem a disciplina e tem na equipe a oportunidade de seguir envolvido com aquele esporte.

3.8 O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR ESSA ESTRUTURA?

O diretor de esporte acredita que a melhora seria do sentido de progredir, avançar, envolvendo o maior número de alunos possíveis nas equipes esportivas universitárias. Afirmando que, hoje, a universidade não possui um espaço físico adequado para o desenvolvimento das atividades, onde algumas equipes competitivas têm dificuldade de conseguir locais de treinamento por falta de espaço e, conseqüentemente, por falta de horário disponibilizado, principalmente no Campus Olímpico. Portanto, o diretor ressalta que o espaço físico é um dos principais problemas que as equipes, e todas as pessoas nelas inseridas, enfrentam na universidade hoje. Acredita também que um trabalho multidisciplinar com outras unidades da UFRGS, como por exemplo o Curso de Nutrição, Enfermagem e Medicina, deva existir, para que eles possam, assim como o Curso de Fisioterapia, realizar um suporte para os alunos/atletas.

As respostas dos bolsistas não se diferenciam muito da resposta do diretor de esporte, o primeiro ponto em comum, é a questão do espaço físico, onde relatam a necessidade da construção de outro ginásio para treinos, pois somente um ginásio não consegue satisfazer todas as necessidades da universidade, como ter horário para os esportes de quadra, ter horário para as disciplinas do Curso de Graduação em Educação Física, além do horário para treinos das equipes, que acabam treinando em horários alternativos, como por exemplo, ao final do dia e nos sábados e domingos. Os bolsistas destacam a questão de alguns materiais serem precários, como por exemplo, os postes suportes das redes de vôlei, que não permitem que a rede seja colocada corretamente, bem esticada e na altura correta.

Outro ponto em comum com o diretor de esportes é sobre a existência de um trabalho multidisciplinar, principalmente com a área da medicina, para que seus alunos/atletas tenham um atendimento mais rápido na fisioterapia, que necessita

um encaminhamento médico, o que, às vezes, pode demorar para ser conseguido, mesmo para aqueles que possuem plano de saúde, devido à dificuldade existente de marcação de consultas. Para os bolsistas, está parceria ajudaria na aceleração da recuperação das lesões dos alunos/atletas, devido ao tratamento iniciar mais rapidamente. Os bolsistas citam, além da medicina e nutrição citadas pelo diretor, a psicologia, pois para eles, o fator emocional, muitas vezes, interfere nos resultados dos jogos nas competições, sendo determinante numa vitória ou numa derrota.

Apesar de acreditarem que a universidade possui uma boa organização estrutural, os bolsistas reclamam da questão burocrática para a aquisição de verba para participar de outras competições, o que acaba, por algumas vezes, impossibilitando a participação das equipes nas competições que estão fora do calendário oficial.

A maioria dos bolsistas cita o interesse na criação de uma “bolsa atleta” na universidade, um dos entrevistados sugere que seja para no mínimo três atletas, os três que se destacarem em suas modalidades, utilizando os resultados como critério de seleção, portanto quem não alcançasse um resultado positivo, também não adquiriria a bolsa, alegando que isso seria um bom motivador para os alunos participarem das equipes. Também relatam que há alguns alunos da universidade que não treinam por precisarem trabalhar nos horários em que os treinamentos são realizados, mas que caso existisse a bolsa atleta facilitaria a participação desses alunos. Outro entrevistado acrescenta a elevação do número de bolsas para as comissões técnicas, pois ele acredita que isso ajudaria muito as equipes em seus treinamentos e conseqüentemente em seus desempenhos.

A divulgação das equipes para toda a comunidade acadêmica da UFRGS também deve ser melhorada, na opinião dos bolsistas, ocorreria uma maior participação dos alunos se esse papel fosse melhor desenvolvido. O fato de existir a possibilidade de realizar a matrícula especial, que é a possibilidade de um aluno já formado frequentar uma disciplina na instituição, também tem ajudado a agregar alunos/atletas de qualidade às equipes.

As respostas dos professores coordenadores se alinham com as respostas dos bolsistas, pois eles também acreditam que o espaço físico não é suficiente para a prática dos esportes na universidade, eles acrescentam a ideia de descentralização, pois, mesmo a UFRGS tendo mais campi, os treinamentos são realizados somente no Campus Olímpico, o que consideram pouco para uma

instituição do tamanho da UFRGS. Além do fato da existência de somente um ginásio para os esportes de quadra, existe também a falta de manutenção, assim como não existem arquibancadas. Com isso, a UFRGS não tem condições de sediar um campeonato importante, como o JUGs, que os professores acreditam que uma competição desse nível iria envolver mais os alunos, tanto na participação das equipes, como na participação das torcidas. Envolvendo toda a universidade, com todos os cursos.

O suporte de material esportivo e o apoio financeiro para participação nas competições, também foram questões citadas pelos professores. Outra questão importante ressaltada é referente à política do esporte universitário, pois essa questão não é bem esclarecida, não há um setor específico do esporte dentro da universidade, somente uma divisão dentro da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis. Os professores comentam que não existe nenhum incentivo para que eles atuem como treinadores, o que resulta na maioria dos alunos/bolsistas atuarem como tais. Acreditam, também, que se houvesse um incentivo, haveria também uma melhora significativa no desenvolvimento do esporte universitário da UFRGS. Assim como os bolsistas, a questão da divulgação também é comentada por eles e acrescentam ainda que a divulgação deva ir além das equipes existentes na instituição, devem ser divulgado, também, os horários de treinos, as competições e as colocações obtidas.

3.9 AQUISIÇÃO DE MATERIAIS PARA AS EQUIPES

Segundo o diretor de esportes da UFRGS, para a aquisição de materiais, segue-se os critérios estabelecidos pela pró-reitoria de planejamento, a PROPLAN, onde, normalmente, a aquisição só é realizada após o levantamento de três orçamentos dos materiais solicitados pelas equipes, sendo escolhida a de menor preço, para assim efetuarem a compra dos materiais solicitados pelas equipes esportivas.

Com essa questão pude perceber que nem todos os entrevistado estão cientes de como é realizada essa aquisição. Um dos bolsistas responde, afirmando, não saber como é realizado o procedimento, porém tudo que é solicitado por ele para o diretor de esportes, é conseguido. Outro diz que consegue o seu material de

duas maneiras diferentes, sendo uma delas através da secretaria da Escola de Educação Física (EsEF) e a outra através da antiga Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), que hoje é a PRAE, mas afirma também não saber como ocorre o procedimento, porém acredita existir uma burocracia, onde o pedido deve ser encaminhado e demora em torno de um mês para conseguir a resposta e a verba necessária para a aquisição. Alguns bolsistas afirmam realizar a solicitação diretamente ao diretor de esportes, onde esse material vem através de um suporte financeiro da universidade, ressaltando que não há a necessidade de nenhum aluno/atleta ter qualquer gasto com materiais. Existem também os bolsistas que realizam o pedido diretamente para seus professores coordenadores, que ficam encarregados de repassarem para o diretor de esportes. Há também os que utilizam do mesmo material das disciplinas da graduação do Curso de Educação Física, portanto não tendo equipamentos específicos para suas equipes, com exceção dos uniformes utilizados nas competições e na modalidade do atletismo, as sapatilhas.

Já a natação vem enfrentando problemas na aquisição de materiais. A bolsista comenta que foi informada sobre a dificuldade da liberação para comprá-los. Uma questão interessante sobre a natação, é que os alunos/atletas que competem pela UFRGS não treinam na piscina da EsEF. Na modalidade do judô, o bolsista afirma não realizar essa aquisição, pois a equipe utiliza os materiais dos projetos sociais, e os próprios atletas compram os seus kimonos, material utilizados por eles em competições e treinamentos.

Os professores comentam que a aquisição dos materiais necessários para os treinamentos e para as competições é realizada através de um pedido ao diretor de esportes, pedido esse que pode ser realizado no início do ano e posteriormente a medida que vai surgindo necessidade, porém nem sempre há verba disponível para tudo que há necessidade, então o diretor necessita fazer uma divisão de verbas, a fim de conseguir contemplar todas as modalidades. O professor coordenador da modalidade da natação afirma que os integrantes das equipes não treinam na piscina da EsEF e que os seus materiais são individualizados, sendo uma tradição desse esporte, porém caso algum queira treinar, tem a disposição os materiais que a escola possui em virtude dos projetos de extensão realizados pela universidade.

O judô, além do apoio da PRAE, conseguiu adquirir materiais, como, por exemplo, computador, impressora, bolas suíças, uniformes, entre outros, pois ganharam um edital de um programa do Ministério da Educação, PROEST, em

2013, mesmo projeto que estão concorrendo novamente esse ano, para ser contemplados com o biênio de 2015/2016. Ele e o seu bolsista compartilham da mesma informação de que os seus alunos/atletas compram o próprio material.

3.10 A INSERÇÃO DO ALUNO NUMA EQUIPE ESPORTIVA AUXILIA NUM MELHOR RENDIMENTO ACADÊMICO DESSE?

O diretor de esporte acredita que não só a participação com o objetivo competitivo, mas sim a inserção do aluno em qualquer atividade física, com diferentes objetivos, auxilia numa melhora satisfatória no envolvimento acadêmico desses alunos/atletas, em virtude disso, acredita ser importante continuar estimulando os alunos a participarem das equipes esportivas, assim como a participarem dos eventos que a divisão organiza.

Dos bolsistas entrevistados, somente um acredita não haver conexão entre participar de uma equipe esportiva e ter um bom rendimento acadêmico. Outro manteve-se indeciso em sua resposta, afirmando acreditar que sim, pela interação que há com alunos dos outros cursos, mas ao mesmo tempo acredita que não, em virtude dos treinos diminuírem o tempo que esse aluno tem para os estudos. Todos os demais acreditam que sim, por diversos motivos, como, por exemplo, a questão emocional, de estar feliz por estar fazendo algo prazeroso, por ser uma atividade que ajuda a relaxar, a liberar a tensão de estudos para as disciplinas de graduação. Em virtude de acreditar que uma atividade competitiva prepara o aluno/atleta para situações de pressão, como as provas, e ensina a trabalhar em equipe, entre outras questões. Para os bolsistas, essa oportunidade que os alunos, principalmente os da Educação Física, possuem em participar de equipes esportivas, é fundamental para vivenciar experiências de algo só visto em teoria.

Já os professores coordenadores possuem uma resposta mais técnica, afirmando não poderem responder sem a realização de pesquisas referentes a esse assunto. Porém afirmam que, normalmente, os melhores atletas são pessoas mais organizadas em outros aspectos da vida. Relatam também que não sabem como é o rendimento acadêmico dos alunos/atletas, que para poder dar uma resposta é necessário uma comparação do histórico do aluno antes, durante e depois da participação numa equipe esportiva. Comentam a existência de estudos que evidenciam que a atividade física provoca alteração no córtex, resultando numa

melhora nas atividades cognitivas, portanto, pode resultar, também, num melhor rendimento acadêmico.

Além desses estudos, também ressaltam aqueles que evidenciam que o esporte possui uma ligação com valores éticos e disciplina, condicionando os alunos/atletas a uma melhoria do seu desempenho acadêmico, porém, afirmam não ser esse o objetivo deles, os alunos não entram nas equipes a fim de conseguir um melhor rendimento e sim pelo prazer da modalidade. Para o professor coordenador do futsal, o desempenho acadêmico é multifatorial, tendo muitas variáveis envolvidas.

3.11 PLANEJAMENTOS E CRONOGRAMAS EM BUSCA DE MELHORES RENDIMENTOS

Conforme as respostas dos entrevistados, pude perceber que existe, em um primeiro momento, um calendário anual, o qual a divisão de esportes é responsável no repassamento para os professores coordenadores e assim, em conjunto eles, buscam definir juntos os seus planejamentos, contudo, os coordenadores e os bolsistas possuem autonomia na elaboração, onde a divisão oferece um apoio, tanto na questão de materiais, quanto na procura de espaço físico para os treinamentos.

Todos os bolsistas fazem um planejamento a partir das datas das competições, as diferenças que ocorrem são na parte do seguimento e modificação desses. Alguns treinadores acreditam ser importante a realização de amistosos, pois para eles, é o momento mais oportuno para a descoberta de erros, tendo assim, tempo de arrumá-los até as competições importantes. O bolsista treinador da modalidade do futebol, relata que a primeira organização do planejamento é em relação à definição de quem vai fazer parte da comissão técnica, para posteriormente poderem planejar os treinos e amistosos da equipe. A bolsista da natação comenta que a modalidade não possui treinos coletivos, pois a maioria dos seus alunos/atletas competem e treinam em outros locais, porque não são atletas exclusivos da UFRGS. Um problema em relação ao planejamento foi citado pelos bolsistas, a frequência dos alunos/atletas é uma dificuldade no seguimento do cronograma dos treinos, o que acaba atrapalhando, pois em cada treino há um número diferente de participantes.

Os professores coordenadores do basquete, judô, futebol de campo, futsal e vôlei possuem um planejamento, que é realizado com base nas datas das competições, no desempenho técnico dos alunos/atletas e na quantidade de participantes, porém, às vezes não é possível dar uma continuidade devido a alguns fatores como, por exemplo, a quantidade de participantes, e as condições do campo, problema esse mais específico do futebol. Em relação aos horários de treinamento, não há uma possibilidade de ajustamento entre um semestre e outro, pois os horários são bem restritos.

O professor coordenador do atletismo relata que ele está tentando inserir um planejamento para a equipe, mas devido os diferentes alunos/atletas em diferentes áreas do atletismo, dificulta estabelecer um horário para treinamento, onde possam estar todos reunidos. Então o que eles têm realizado é o passamento de orientações gerais no início do semestre e após vão acompanhando na medida do possível. Como a natação não possui uma equipe montada treinando na EsEF, porque os alunos/atletas treinam em seus clubes e aquele que treinam na escola levam o próprio treinador, então não existe um planejamento para a equipe. Vale ressaltar que esses alunos/atletas na natação são nadadores que estudam na UFRGS, participam de competições federadas e também dos jogos universitários, mas esses jogos não são o foco deles, contudo sempre é passado o calendário das datas das competições.

4 DISCUSSÃO

A falta de espaço físico na universidade parece ser um dos maiores fatores limitantes para o crescimento do esporte universitário, esse ponto foi colocado por todos os entrevistados, principalmente os que utilizam o ginásio poliesportivo. Eles acreditam na necessidade da construção de mais um ginásio, para conseguir comportar as equipes esportivas, as aulas da graduação e os projetos de extensão. Também é necessário que esses ginásios tenham uma melhor estrutura, com vestiários e arquibancadas. A falta de espaço físico interfere também nos horários de treinamentos, o que acaba limitando-os.

A necessidade de treinar mais do que duas, três vezes por semana, que é o número de treinos atualmente, também tem mostrado ser um fator importante para uma maior competitividade com as universidades particulares, que treinam todos os dias da semana, dão bolsas para os alunos/atletas e utilizam-se de musculação, para um melhor condicionamento dos seus alunos/atleta.

Por não ter uma política institucional, um decreto, uma portaria, que de um suporte, o esporte universitário da UFRGS não possui garantia de continuidade, podendo ser cancelado a qualquer momento, por falta de verba ou por simples troca de cargos, como, por exemplo, a troca de Reitor, caso ele não ache mais necessário ou interessante para universidade manter. O fato de não existir uma diretriz sobre os objetivos que o esporte universitário deveria ter, faz com que isso fique a critério dos alunos bolsistas, dos professores coordenadores e do diretor esportivo.

Esses objetivos não chegam a ter um consenso entre os alunos bolsistas e os professores coordenadores, onde os alunos relatam serem equipes competitivas, de alto rendimento e os professores, uma mescla de participativo e competitivo. As equipes, tampouco, tem todas os mesmo objetivos, não havendo, portanto um padrão na universidade.

Outro fator limitante do esporte na UFRGS é a falta de divulgação das equipes e dos horários de treinamento. Essas informações constam apenas no site da universidade, na página da PRAE, na parte de esportes, o que torna difícil a busca, pois é necessário saber onde procurar para poder encontrar. A divulgação dos resultados obtidos pelas equipes também é um problema, as notícias referentes ao último JUGs, por exemplo, disputado nos dias 31 de maio e 1 de junho, 7 de

junho e 8 de junho de 2014, não encontram-se no site da universidade, somente no site da EsEF e na página do facebook da divisão de esportes, mesmo esse ano a universidade sendo muito vitoriosa, onde das 08 equipes participantes, 07 ficaram entre as 03 primeiras, sendo que 04 consagraram-se campeãs e assim garantindo o direito de representar o Rio Grande do Sul no JUBs, esse fato não foi mencionado nas notícias do site da universidade. Portanto, isso demonstra os problemas de divulgação existente na UFRGS.

A maioria dos alunos/bolsistas acredita que a universidade deveria conceder bolsas para os alunos/atletas participarem das equipes, assim como ocorre em algumas universidades particulares. Já os professores coordenadores não compartilham da mesma opinião, para eles essa possibilidade nem é comentada. Com isso, pude perceber que há um distanciamento do pensamento dos alunos/bolsistas com o dos professores coordenadores, o que, a meu ver, pode ser um limite para a evolução do esporte universitário da UFRGS.

As maiores possibilidades do esporte universitário da UFRGS progredir, são através do engajamento dos envolvidos, que estão sempre buscando melhores maneiras de promover a prática esportiva na universidade e de agregar mais alunos/atletas qualificados às equipes. A criação, no começo de 2013, da divisão de esportes, vinculada a PRAE, tem auxiliado para um melhor desenvolvimento do esporte universitário na UFRGS, pois, isso possibilitou uma maneira mais fácil de conseguir o aporte financeiro da universidade, para a aquisição de materiais e pagamento de taxas, aproximando a divisão das equipes esportivas através da figura do diretor de esportes, cargo esse que não existia antes de 2013, tinha-se um coordenador, mas ele não era ligado a nenhum setor esportivo da universidade.

O fato de os alunos/atletas não terem gastos para participarem das competições, tendo ainda um auxílio na alimentação e nas viagens para o JUBs, é um fator que tem auxiliado no progresso do esporte universitário da UFRGS, pois, mesmo não tendo um retorno financeiro por ser participante da equipe, o aluno/atleta não ter gasto, faz com que os alunos de diferentes classes sociais, que temos na universidade, possam participar.

Diferentemente do que acontece nas universidades de outros países, conforme Colaço e Fleck (2009), que realizam um trabalho semelhante a este, porém numa escala maior, onde avaliam as mais nomeadas instituições de Portugal, analisando, praticamente, os mesmos pontos e percebendo que lá o desporto

universitário é visto inserido num âmbito comercial, portanto adquirem patrocinadores privados, esse estudo evidencia a importância deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2012 ocorreu uma transformação da SAE (Secretaria de Assuntos Estudantis) para a PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), com a criação, dentro da mesma, da divisão de esportes. Esse fato foi comemorado pelos integrantes dos times da UFRGS, pois, para isso significava um maior apoio por parte da universidade, também possibilitou com que os recursos repassados ao esporte fossem maiores, gerando novos fardamentos, mais materiais de treino e jogos e uma possibilidade maior de participação em campeonatos. Assim, espero que esse fato possa contribuir para uma melhor visibilidade do esporte universitário, tanto dentro da própria universidade, quanto fora dela, pois, o esporte pode ser utilizado como um meio de divulgação, para demonstrar os benefícios de ser aluno da UFRGS.

A questão de não existir uma política em relação ao esporte universitário, preocupa, pois sem ela não temos a garantia de continuidade do trabalho, que pode ser interrompido a qualquer momento. A questão da reorganização na estrutura, só tende a acrescentar e auxiliar na evolução do esporte universitário da UFRGS, podendo um dia chegar, caso seja de interesse dos envolvidos, perto dos modelos dos esportes de alto rendimento.

Percebi que não existe um incentivo, por parte da universidade, para que os professores se envolvam com os esportes universitários, onde eles não possuem remuneração, ou liberação de horas para dar treinamentos. Esse fator resulta na participação dos professores somente por vontade própria, pelo prazer de estar ajudando os alunos a aprenderem. As bolsas criadas para os alunos participarem das comissões técnicas das equipes, oportuniza os bolsistas a trabalharem diretamente com os professores, tendo assim a oportunidade de colocarem em prática os conceitos e conteúdos aprendidos nas disciplinas da graduação do Curso de Educação Física.

A inexistência de uma disciplina específica, que ensine a coordenar uma equipe, auxilia na limitação do crescimento do esporte na UFRGS, pois faz com que os alunos bolsistas fiquem, na maioria das vezes, dependentes dos professores coordenadores para solucionar problemas, porém esses não possuem dedicação exclusiva para as equipes, tendo que dividir suas cargas horárias com as disciplinas

ministradas e sabemos que, muitas vezes, as soluções necessitam de uma certa urgência, urgência essa que não acontece se tiver que passar por todo esse processo.

Portanto, acredito que esse conhecimento técnico poderia ser melhor explorado nas disciplinas da graduação do Curso de Educação. Outra sugestão seria a apresentação dos estudantes envolvidos na forma de seminários, palestras ou, até mesmo, na inserção ao longo das disciplinas de esporte e gestão para socializar seus conhecimentos com o restante da comunidade acadêmica, onde isso também contribuiria para uma maior divulgação do esporte universitário na UFRGS.

Apesar de ter consciência em ser muita pretensão para uma acadêmica, registro aqui a minha opinião, após realizar esse trabalho e por estar envolvida com o esporte universitário na UFRGS desde o meu primeiro semestre, sugiro a criação de uma política institucional, mas não apenas a criação por si só, mas uma estudada em conjunto, pelos agentes administrativos e os responsáveis pela execução.

Portanto, apesar de todas as limitações encontradas, sendo as principais a questão das verbas destinadas às equipes e espaço físico, o esporte universitário na UFRGS vem conseguindo, lentamente, uma evolução. Como exemplo significativo, ressalto o que já havia mencionado anteriormente neste trabalho, a classificação de quatro equipes para competirem nos jogos nacionais, demonstrando assim, uma melhora técnica e tática dos atletas. Contudo, este trabalho, que foi realizado com referencial em minha trajetória esportiva, percebi que há grandes possibilidades de evolução, além daquelas que já ocorreram. Com as possíveis melhorias, o esporte universitário possui chances de tornar-se um programa de extrema importância e grandeza para a universidade, tornando-se melhor estruturado e organizado. Acredito que os dados coletados para este trabalho, podem ser utilizados no auxílio da redução dos problemas existentes no momento. Pretendo, a partir desse levantamento, continuar estudando as limitações e possíveis melhorias para o nosso esporte, tendo interesse na criação de diretrizes que auxiliem o esporte universitário na UFRGS.

REFERÊNCIAS

COLACO, Carlos P. e FLECK, Leandro A.. **Estratégias do desporto universitário: um estudo de caso sobre o desporto em universidades portuguesas**. Rev. Port. Cien. Desp. 2009, vol.9, n.2, pp. 68-75.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO UNIVERSITÁRIO, CBDU.
Disponível em: <http://www.cbdu.org.br/cbdu_2011/federacoes> acesso em 20abr. 2014, 18h00.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO UNIVERSITÁRIO, CBDU.
Disponível em: <http://www.cbdu.org.br/cbdu_2011/institucional> acesso em 20abr. 2014, 18h10.

DA COSTA, Lamartini J. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL UNIVERSITÁRIA DE ESPORTES, FISU.
Disponível em: <<http://www.fisu.net/en/FISU-history-3171.html>> acesso em 20 abr., 2014, 18h28.

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS, PRAE
Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/prae>> acesso em 10 mai. 2014, 20h35.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, UFRGS
Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/plano-de-desenvolvimento-institucional>> acesso em 24 abr. 2012, 21h24.

APÊNDICE A – MODELO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Qual tua relação com o esporte universitário na UFRGS? E há quanto tempo?
2. A. Quais seriam os critérios para formação de uma equipe esportiva na UFRGS? (para o diretor esportivo)
B. Tu tens conhecimento sobre os critérios utilizados para a formação de uma equipe esportiva na UFRGS? Quais são eles? (para os coordenadores e bolsistas)
3. A. As equipes esportivas da UFRGS são formadas com qual objetivo? Participação, lúdico ou competitivo/ alto rendimento? (para o diretor esportivo)
B. Qual é o objetivo da equipe esportiva que tu coordenas? Participação, lúdico ou competitivo/alto rendimento? (para os coordenadores)
C. Qual é o objetivo da equipe esportiva que tu treinas? Participação, lúdico ou competitivo/alto rendimento? (para os bolsistas)
4. A participação da(s) equipe(s) em competições é vinculada a alguma condição?
5. Quando alguma(s) equipe(s) se torna(m) campeã(s), nesse ano ela(s) ganha(m) algum bônus, benefício ou privilégio? E quando ela(s) tem um desempenho insatisfatório, sofrem algum tipo de consequência?
6. Qual é o incentivo realizado pela universidade para os alunos participarem das equipes, principalmente os que não são alunos do curso de Educação Física – seja licenciatura ou bacharelado?
7. No teu ponto de vista, o que pode ser considerado um ponto forte na estrutura do esporte universitário na UFRGS? É algo que esteja auxiliando no progresso e deva continuar existindo?
8. O que tu pensas que pode ser feito para melhorar a estrutura do esporte universitário na UFRGS?
9. Como é realizada a aquisição de materiais para a(s) equipe(s)?
10. Na tua opinião, a participação do aluno na equipe esportiva, auxilia num melhor rendimento acadêmico?
11. Há algum planejamento, cronograma que seja trabalho com a equipe em busca de um melhor rendimento nos campeonatos?

ANEXO A – ENTREVISTAS

Entrevista – Professor coordenador das equipes de futsal

22/04/2014

Evelyn: Bom, hoje é dia vinte e dois de abril e eu estou aqui com o professor R. C. V.. Bom, qual é a tua relação com o esporte universitário na UFRGS? E há quanto tempo?

R. C. V.: O projeto de extensão universitária aqui na UFRGS começou já no ano que eu entrei, em dois mil e sete, eu comentei com os alunos da sala de aula, da possibilidade de abrir dois projetos, um é o esporte universitário e o outro é a escolinha de futsal. Aí alguns alunos se engajaram num processo e a gente já começou, então, no ano de dois mil e sete, no primeiro semestre, com os projetos de extensão, tanto futsal masculino, como futsal feminino. Eu já tinha experiências anteriores, eu trabalhei dez anos na Ulbra, então lá eu tinha montado já as equipes universitárias, na PUC também e aqui na UFRGS também, num ano em que eu fui professor substituto também ajudei a montar algumas equipes, há muitos anos atrás. Então, com essa possibilidade agora de ser professor efetivo, ficou muito mais fácil de promover um projeto dessa magnitude. Já estamos então desde dois mil e sete, sempre renovando esse projeto.

Evelyn: Bom, tu tens conhecimento sobre os critérios utilizados para a formação de uma equipe universitária na UFRGS? E quais seriam eles?

R. C. V.: Na verdade cada professor, ele tem autonomia para criar seus critérios, eu não sei exatamente quais os critérios que os outros colegas utilizam. Nós acabamos sempre já, principalmente no início, como não era muito divulgado o projeto, a gente com a ajuda do professor Barreto, a gente divulgava no site da universidade, colocava alguns cartazes em outros campi para poder divulgar o esporte universitário e tem ocorrido de ser um fluxo contínuo, então aqueles que sabem que tem o projeto, entra em contato aqui com a extensão, ou vem direto num horário do treino, né, e a gente conversa, explicando quais são os objetivos do projeto, que seria interessante que esses atletas já tenham uma experiência anterior em alguma equipe, principalmente as federadas, né, porque a gente não pode trabalhar com muita, não é uma escolinha, é a formação de uma equipe, que vai ser representativa da universidade, então requer algumas experiências anteriores, ter jogado futsal,

principalmente federado, que como a gente trabalha em torno de vinte no masculino e vinte do feminino, a gente não pode abrir em demasia, porque a gente não vai ter tempo, não vai ter pela quantidade de treinos, são duas vezes por semana, em função do ginásio, que está bem sobrecarregado, então a gente acaba tendo pouco tempo pra treinar e não tem como ter uma segunda equipe mais recreativa, que está em fase de aprendizado, então a tendência é quem já tem experiência, então quando ele vem procurar, já peço “tem experiência? Já jogou?”, explico, muitas vezes acaba não vindo em função de que eles não têm esses pré-requisitos e outros vêm, fuçam um tempo e acabam desistindo também, quer dizer que eles não têm, não vão ficar na equipe titular, ou vão ficar sobrando, não estou no nível da equipe e acabam naturalmente desistindo, então, feminino que se abre mais peneira, porque o número é mais reduzido das meninas, mas agora já está consolidado, que acontece? Com o andar da carruagem vai estabelecendo, os alunos acabam ficando quatro, cinco anos dentro da equipe, algumas acabam fazendo especialização, vem fazer bacharelado em função da equipe, então não tem grande mudança, a base é mais ou menos permanece a mesma, vai uma ou outra chegando, né, vai alternando, mais a base...

Evelyn: São poucas modificações, né?

R. C. V.: A base vai, por indicação, né, quem já joga já sabe que tem a equipe, já procura automaticamente, então o processo é mais tranquilo, mas não tem um rigor, muitas vezes a gente abre, depende do momento também, em momentos que da para abrir mais, te momentos que é mais fechado, em campeonatos já não da para abrir e o fluxo é contínuo, sempre aquele universitário que já tem experiência, já jogou, está sempre com as portas abertas, é um processo contínuo. Perto de campeonato, às vezes, fica um pouco mais difícil em função de que tem que se dedicar para a preparação da equipe.

Evelyn: Bom, qual é o objetivo da equipe que o senhor coordena? Seria participação, lúdico, ou um competitivo/auto rendimento?

R. C. V.: Não está em nenhum dos teus critérios, não chega a ser competitivo, mas é um competitivo, não chega a ser auto rendimento, porque não tem, né, não tem as característica de ser auto rendimento. Primeiro que o treino é duas vezes por semana, faltam muito em função de que tem uma prova, já acabam faltando, né, termina o campeonato há uma queda natural do número de participação em função que acabou o campeonato e leva duas, três semanas para a gente conseguir

retomar, então não chega a ter o rigor, que eu possa dizer que é a equipe de auto rendimento. É uma equipe competitiva, que tem alguns critérios, que não chega a ser, não é lúdico, não é de lúdico, não é aberto para todo mundo praticar, tem umas rotinas, vai ter que respeitar alguns critérios, mas não chega a ser uma equipe de auto rendimento. É uma equipe competitiva, que tem uma flexibilidade, né, tem prova, ele não vem, tem que compreender, como eles não recebem nada em troca, vem por amor e gostam, para dar uma continuidade, que muitos foram atletas e gostam de jogar e a gente também não pode estudar e estar no auto rendimento, até porque Porto Alegre está muito restrito a questão de equipe de auto rendimento, então eles acabam vindo aqui para se manter jogando, que eles gostam de jogar, não num nível recreativo, mas num nível um pouquinho mais, vai ter tática, vai ter sistema de jogo, tem a questão do coletivo, tem uniforme, tem bola, tem o espaço, tem treinador, tem preparador, então tem tudo que teria uma equipe dita de auto rendimento, mas ela não tem a exigência de uma equipe de auto rendimento, é muito mais pra proporcionar que esses universitários, aqueles que tiveram a experiência possam fazer a faculdade ainda e seguir jogando, então tem muito aspecto de qualidade de vida, de formação, de socialização entre os universitários de várias faculdades, então tem aqui alunos na engenharia, tem alunos fazendo doutorado, tem alunos do mestrado, inclusive na equipe feminina tem uma colombiana que veio para estudar, está jogando, então está aberto, então na realidade há um entrosamento, teve atletas que já terminaram, fizeram mestrado e hoje ainda entram em contato comigo via e-mail, né, então mostra que tem um outro olhar, né, não é só competir, que eles seguem acompanhando a equipe, segue mandando e-mail para saber como é que está o meu trabalho aqui na extensão, a gente também, lá no início proporcionou muitas pesquisas em termo, a gente aplica alguns instrumentos em campeonatos universitários sobre motivação, sobre liderança, já tiveram vários trabalhos com a equipe feminina aqui de TCCs, relacionando a, qual é a perspectiva da atleta universitária, quais os preconceitos, então é um projeto que tem um foco bem maior do que simplesmente competir representando a UFRGS, tem essas possibilidades. TCCs de... Alunos fazendo parte das comissões técnicas, inclusive feminino, praticamente, eu não tenho intervenção nenhuma, né, tem uma equipe que já está formada de comissão técnica, sempre tem um aluno novo que ganha a bolsa e está junto, então é bem o que se preconiza, tem a relação da extensão com a pesquisa e com a formação desse

aluno da graduação, então envolve tudo. Então esse que é a riqueza desses projetos universitários, a gente proporciona que o aluno experiencie, que ele organize, vá numa competição, seja treinador e o professor que coordenada o projeto ele vai, é um articulador, entre lá o Cláudio, que tem no núcleo da universidade, que nos da ajuda, né, então fazer mais esse relacionamento de acompanhamento.

Evelyn: Sim.

R. C. V.: Provavelmente, né, fica a todo o momento fazendo intervenção.

Evelyn: Bom, a participação da equipe, das tuas equipes em competições, ela é vinculada há alguma condição?

R. C. V.: Não. A preferência nossa é sempre os torneios universitários, temos os jogos universitários gaúchos, temos várias jogos brasileiros, tem a Copa UNISINOS, que é uma Copa, também, bem conhecida, que acontece todos os anos em São Leopoldo na UNISINOS, temos alguns eventos de amistosos, de torneios menores que a gente faz, por exemplo, agora, domingo, nós vamos jogar contra a Ulbra, fazer um amistoso, até para manter sempre jogando, então a gente faz alguns torneios, com algumas universidades, torneios menores, né, já tivemos a Copa UCS em Caxias, tem a Liga, agora, universitária, que é um outro evento próximo ao jogos universitários gaúcho, então basicamente a ideia, assim, é tentar jogar torneios com o que tem, que envolva outras universidades, outras faculdades, esse é o grande objetivo, embora na equipe feminina a gente joga torneios menores, até porque os torneios universitários são de finais de semana, são muito curtos, né, e para manter todo mundo motivado a gente joga uns torneios, então tem torneio de bairro, algum amistoso, torneio menor, que a equipe universitária feminina acaba participando para não ficarem muito tempo parado entre um campeonato e outro.

Evelyn: Sim, porque são poucos campeonatos.

R. C. V.: São poucos campeonatos, exatamente.

Evelyn: Bom, quando a equipe se torna campeã, elas ganham, nesse mesmo ano, elas ganham algum bônus, privilégio ou benefício? E quando o ao contrário acontece, tem um desempenho insatisfatório, elas sofrem algum tipo de consequência?

R. C. V.: Não. Até porque não é um esporte de auto rendimento, ninguém vai sair, porque não ganhou. Na realidade, sempre vencer é bom, né, vencendo o projeto fica mais consolidado, os atletas se tornam mais motivados, o aluno que faz parte da

comissão técnica, a auto estima se eleva, ele também se sente mais importante, porque ele venceu, claro que a gente tem desafiado eles para se manter sempre nas finais, ficar entre os quatro primeiro, então nós já tivemos excelentes resultados aqui, de vários vice campeonatos masculino, campeã da Copa UCS, campeã da Copa UNISINOS o ano passado, o feminino também já ganhou a Copa UNISINOS, vários vice campeonatos, ganhou alguns torneios, então as equipes têm conseguido atingir um bom resultado e isso acaba interferindo e motivando nas equipes universitárias, mas não tem represaria se não ganhou e tão pouco ai ganhar algum bônus, algum benefício, logicamente, às vezes o coordenador paga um churrasco do próprio bolso para motivar e dar um retorno, que é sempre positivo.

Evelyn: Sim. Bom, qual é o incentivo que a universidade realiza para os alunos participarem das equipes, principalmente os que não são da Educação Física, seja quem é licenciado ou bacharelado?

R. C. V.: Há muitos anos nós já temos apoio, desde a época do professor Barreto, do apoio de pagamento de inscrição, compra de material, compra de material de jogo, de coletes, todo o suporte de apoio, tanto de material, como de inscrição para os campeonatos, isso é uma coisa que tem dado e não está nos faltando nada.

Evelyn: Bom, no teu ponto de vista, o que pode ser considerado como um ponto forte nessa estrutura do esporte universitário aqui na UFRGS? É algo que está realmente auxiliando no progresso e deva continuar existindo?

R. C. V.: Tu poderia repetir, por favor? O que fala?

Evelyn: No teu ponto de vista, o que pode ser considerado como um ponto forte na estrutura do esporte universitário na UFRGS?

R. C. V.: O esporte universitário, o forte é que ele está inserido, na universidade, como um projeto de extensão, está cadastrado, então isso nos ajuda bastante. Tem por trás, sempre, um professor, que é o que, também, o que da aula do esporte na graduação, então está articulação fica mais facilitada, envolve alunos também, que já fizeram a disciplina aquela ali e tem oportunidade de seguir, aqueles que gostam das equipes, seguindo, trabalhando. Esses são os pontos fortes que eu diria assim.

Evelyn: Bom, o que tu pensa que pode ser feito para melhor essa estrutura?

R. C. V.: Eu acho que como um todo, até pro esporte da própria ESEF aqui, nós já temos o ginásio, falta manutenção, falta uma arquibancada, é muita gente querendo usar esse espaço, então, basicamente pra mim, se um dia nós tivermos um ginásio realmente de esportes, que tenha arquibancadas e possa trazer eventos pra cá, vai

melhor consideravelmente, porque daí trazendo campeonatos, a Copa UNISINOS, JUBS pra cá, vai envolver mais os alunos para participar, por exemplo, fisioterapia pode participar, a medicina do esporte pode participar nos eventos, vai enriquecer mais, montar as torcidas, os alunos a olhar os jogos, então isso tudo vai ser muito melhor, vai dar qualidade e assim, mais é a questão mais que envolve uma estrutura, o ginásio, né, que não vai, acho que nunca vai ter o objetivo de ser de auto rendimento. Então o que a gente precisa, que é ter o professor, que cadastra o projeto, ter alunos da Educação Física que estejam interessados em participar das comissões técnicas, aluno, sempre tem chegando aluno novo do primeiro semestre de vários cursos que jogam e querem jogar, então, esse processo contínuo sempre vai ter. Desde que a universidade siga apoiando com material esportivo, colete e inscrição, o que falta hoje é só uma estrutura melhor de ginásio, vestiário, arquibancadas, trazer eventos esportivos para cá.

Evelyn: Como é que é realizada a aquisição dos materiais para a equipe?

R. C. V.: A gente faz uma solicitação, sempre no início do ano, né, a coordenação lá na UFRGS que agora está com o professor Cláudio, claro que ele pede uma listagem de materiais, dentro da condição dele orçamentária, ele faz uma divisão, então às vezes a gente consegue receber dez bolas, no outro semestre, às vezes, é cinco, às vezes tem que dividir, também tem que comprar para as outras modalidades e o material é muito caro, né, material de jogo, nós já precisamos trocar, não tem verba para trocar e nós estamos ainda com um material um pouco mais antigo, então é mais nesse sentido assim de pedir para o professor Cláudio lá e ele coloca no orçamento e a gente já tem mais material, é assim que funciona.

Evelyn: Bom, na sua opinião, a participação do aluno numa equipe esportiva aqui na UFRGS, ela auxilia num melhor rendimento acadêmico?

R. C. V.: Bah isso eu não tenho esse parâmetro para te dizer assim que é. Acho que o desempenho acadêmico é multifatorial, tem muitas variáveis envolvidas, mas acredito que quem foi atleta e ainda poder estar jogando aqui, isso vai trazer uma qualidade de vida, né, sabe que aquele atleta que sempre treinou, treinou, então a hora que para ele sente o baque, aumenta a ansiedade, ou aumenta os níveis de estresse, então ele poder ainda dentro na universidade ainda está praticando de forma orientada, estruturada, organizada, o esporte vai... Não sei se vai melhor a nota dele, como eu te falei, depende de outros quesitos, pode não estar jogando e não melhor nota nenhuma, que são jovens, depende do momento, né, depende do

momento que ele está passando, né, mas acredito que deva trazer benefícios para a qualidade de vida dele, mas exatamente se melhorou nota ou não, isso já tem outros fatores envolvidos, maturidade, né, de estar gostando do curso que ele está fazendo, do desenvolvimento, das oportunidades dentro do curso, né, então não da para a gente ter esse parâmetro de nota, que eu até acho que o objetivo do esporte universitário não é melhor nota de aluno e sim oportunizar outros espaços para a pratica sadia, a qualidade de vida, trabalhar uma forma mais regrada, maior, de formação global do ser humano.

Evelyn: Sim. Bom, há algum planejamento, cronograma que seja trabalhado com a equipe em busca de um melhor rendimento nos campeonatos?

R. C. V.: Não, na realidade a gente já tem os horários de treino, que não da para mexer muito aqui, então não da para criar outras grande alternativas. A gente fica no aguardo, sempre, da FUGE, que é a Federação Universitária Gaúcha do Esporte, passar o cronograma dos eventos e as datas dos jogos e a partir daí sim a gente faz um planejamento, quanto mais amplo, mais focando, porque tu sabe que quando tem torneio, quinze, vinte dias antes é muito mais fácil de motivar os atletas, né, a aderência deles a treinar, então muitos aqueles que, às vezes, não estão treinando, voltar a retomar o treino com uma maior intensidade em função de estar próximo ao campeonato, isso acaba ajudando bastante. Então, o nosso planejamento já acontece lá quando a gente escreve a extensão, o projeto com datas, dias e horários, as equipes já estão formadas de comissão técnica, então tudo faz parte do planejamento, mas lógico que a gente tem que esperar a FUGE nos passar as datas que daí acontece um novo planejamento em cima do foco que são os eventos mais pontuais que a gente tem.

Evelyn: Sim.

R. C. V.: É isso?

Evelyn: Sim. Muito obrigada. [[[fim da gravação]]]

Entrevista – Diretor de esportes

06/05/2014

Evelyn: Bom, hoje é dia seis de maio e eu estou aqui com o técnico administrativo C. E. P. Bom, primeira pergunta: qual é a tua relação com o esporte universitário na UFRGS e há quanto tempo?

C. E. P.: Diretor do esporte universitário, vinculado a pro – reitoria de assuntos estudantis. Um ano e meio nesse cargo.

Evelyn: Bom, segunda pergunta: quais são os critérios para a formação de uma equipe esportiva aqui na UFRGS?

C. E. P.: Primeiro critério é ser aluno na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, matriculado e principalmente um envolvimento no esporte, gostar de uma modalidade esportiva, então esses são os primeiros critérios de seleção para o universitário se envolver dentro dos esportes.

Evelyn: Bom, terceira pergunta: as equipes esportivas da UFRGS, elas são formadas com quais objetivos? Participação, lúdico ou um competitivo/ auto rendimento?

C. E. P.: Nós podemos direcionar para duas situações. O primeiro é o competitivo, então as equipes são formadas com a intenção então de participar de eventos no Rio Grande do Sul e fora do Rio Grande do Sul, no caráter competitivo, mas também a gente não pode negar que uma das principais funções, também, do esporte universitário, é o participativo. Esse aluno, então, se envolve de uma maneira, não vou dizer lúdica, mas no sentido então de desenvolver algum tipo de atividade física.

Evelyn: Bom, quarta pergunta: a participação das equipes nas competições, ela é vinculada há alguma condição?

C. E. P.: Poderia repetir? Eu não...

Evelyn: A participação das equipes nas competições, ela é vinculada há alguma condição?

C. E. P.: A primeira condição é que esse aluno seja matriculado então e participando das equipes. Segundo é um chamamento então de uma federação universitária gaúcha que controla que estimula então a participação das equipes universitárias nos eventos, principalmente, um evento que eu posso destacar é o Jogos Universitários Gaúchos, que acontece anualmente e que nos credencia então as equipes que participam também a se envolverem nos Jogos Universitários Brasileiros e esses jogos Universitários Brasileiros, eles têm um controle da confederação brasileira do esporte universitário. Então eu acho que a condição seria essa, da participação das equipes.

Evelyn: Bom, quando as equipes se tornam campeã, nesse mesmo ano, elas ganham algum bônus, benefício ou privilegio? E quando o contrário acontece,

quando elas têm um desempenho insatisfatório, elas sofrem algum tipo de consequência?

C. E. P.: Pela divisão do esporte, a nossa visão, não faz essa distinção de ser campeã ou não ser campeã. A função nossa, da divisão aqui, é dar o apoio para essas equipes, claro que a gente tem sempre o direcionamento no vencer, mas muito mais na participação desse aluno, desse estudante e da universidade federal, do Rio Grande do Sul como um todo. Então, não existe nenhuma penalidade ou qualquer tipo de bônus que vá estimular esse aluno ou essa equipe a participar, então a cada ano a gente tem tentado envolver os alunos, estimular esses alunos, atletas, podemos dizer assim, no sentido então da competição e da participação levando sempre em consideração os valores de ética, de cuidado com as outras instituições de ensino que participam desses eventos.

Evelyn: Bom, sexta pergunta: qual o incentivo realizado pela universidade para que os alunos participem das equipes esportivas, principalmente os que não são alunos da Educação Física, seja licenciatura ou bacharelado?

C. E. P.: Bem, nós não temos condição de ter um incentivo financeiro, por ser uma instituição federal. O que nós possibilitamos para esses alunos são as ferramentas que a universidade pode promover um exemplo, nós temos uma clínica de fisioterapia, onde esse atleta, no momento em que ele se machuca em algum tipo de evento, seja na competição ou no treinamento, ele vai ser assistido. Com relação aos jogos universitários, oficiais, nós temos também ter um incentivo financeiro nas taxas, nós pagamos as taxas, um exemplo, esse ano nós vamos pagar uma taxa de cinquenta reais por atleta, além disso, quando ele se direciona a essa competição, ele também tem um suporte de uma alimentação, a gente proporciona também junto claro com a reitoria, especificamente para esse aluno não, mas a comissão técnica, que é formada por alunos, eles também recebem uma bolsa. Nós temos uma bolsa de em torno de quatrocentos reais e esse aluno que está vinculada as equipes, então, ele tem essa garantia financeira.

Evelyn: Bom, sétima pergunta: no teu ponto de vista, o que pode ser considerado com um ponto forte na estrutura do esporte universitário na UFRGS? É algo que esteja auxiliando no progresso e deva continuar existindo?

C. E. P.: Com relação ao nosso setor aqui de divisão do esporte, primeiro a nossa motivação em avançar cada vez mais com o esporte universitário, promovendo então atividades do caráter participativo e também apoiando o direcionamento com

relação à outras modalidades esportivas, por exemplo, nós temos hoje o triatlo que não tinha antes na UFRGS, atividades de Tai chi então, tentar envolver o aluno da universidade nas mais variáveis atividades físicas, né, acho que isso seria um incentivo importante em relação a manutenção.

Evelyn: Bom, oitava pergunta: o que tu pensas que possa ser feito para melhor a estrutura do esporte universitário na UFRGS?

C. E. P.: Não digo melhorar, eu digo avança, avança no sentido de envolver os alunos. Nós não temos hoje um espaço físico adequado para o desenvolvimento das atividades que a gente pode proporcionar, então, exemplo né, algumas equipes competitivas têm dificuldade de locais de treinamento, principalmente no campus do centro olímpico, eu acho que isso é um dos grandes problemas que nós temos hoje na universidade, é com relação a espaço físico. Então se nós tivemos aí um espaço que poderia ser utilizado semanalmente, eu acho que a gente teria um envolvimento maior dos alunos. Eu acho que o grande problema hoje da universidade é o espaço físico e depois se associar a outras unidades dentro da UFRGS, por exemplo, né, a nutrição, a enfermagem, a medicina, que possa também nos dar um suporte para o acolhimento desse universitário atleta e não-atleta também.

Evelyn: Bom, nona pergunta: como é realizada a aquisição dos materiais para as equipes?

C. E. P.: Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul a gente tem critérios que são estabelecidos pela uma pró-reitoria de planejamento, a PROPLAN, então normalmente a aquisição de materiais se dá através de orçamentos, três orçamentos, fazemos o levantamento então dos preços a partir de então da necessidade de cada modalidade esportiva e a partir desses orçamentos nós temos o menor preço e é onde é comprado então esse material.

Evelyn: Bom, décima pergunta: na tua opinião, a participação do aluno numa equipe esportiva, ela auxilia num melhor rendimento acadêmico?

C. E. P.: Com certeza! Eu acho que já tem várias pesquisas científicas que comprovam, não só a questão da participação competitiva, mas uma participação na atividade física que tem uma melhoria satisfatória no envolvimento dele acadêmico, no dia-a-dia. Então eu acho que é de extrema importância que a gente possa estimular esse aluno da universidade, não só no envolvimento das equipes acadêmicas ou competitivas, mas sim de uma participação de todos os movimentos que nós estamos realizando aqui na divisão de esportes.

Evelyn: Bom, décima primeira pergunta: há algum planejamento, cronograma que seja trabalhado com a equipe de professores, coordenadores e bolsistas em busca de um melhor rendimento das equipes nos campeonatos?

C. E. P.: Nós temos um calendário anual e nós repassamos isso para os coordenadores e tentamos então construir junto esse planejamento. Claro que existe uma autonomia dos coordenadores, uma autonomia também do pessoal envolvido, exemplo então, os bolsistas e na realidade a divisão procura dar esse apoio. Esse apoio tanto na questão de materiais de busca também de espaço físico, mas os coordenadores e seus auxiliares, seus bolsistas tem autonomia na realização, nós passamos um cronograma e tentamos planejar juntos.

Evelyn: Muito obrigada, professor! [[[fim da gravação]]]

Entrevista – Bolsista treinador das equipes de handebol

14/05/2014

Evelyn: Bom, hoje é dia quatorze de maio e eu estou aqui com o aluno G. C. C. Qual é a tua relação com o esporte universitário na UFRGS e há quanto tempo?

G. C. C.: Sou treinador dos times masculino e feminino do Handebol e sou treinador desde março de 2011.

Evelyn: Bom, próxima pergunta: tu tens conhecimentos sobre os critérios utilizados para a formação de uma equipe esportiva na UFRGS? E quais seriam eles?

G. C. C.: Os critérios utilizados, eu acho que eles são bem abertos conforme de treinador para treinador. Eu, particularmente, tenho bastante liberdade em escolher meus atletas, minha metodologia de treinamento, até porque, eu sou o responsável pelo Handebol na Universidade e não tem ninguém para responder acima de mim.

Evelyn: Próxima pergunta: qual é o objetivo da equipe esportiva que tu treinas? Participação, lúdico, ou um competitivo/auto rendimento?

G. C. C.: Caráter inicial, eu acho que ele passa mais como participação, mas o envolvimento dos dois grupos, ele tem sido muito eficiente, então cada vez mais a gente busca títulos e auto rendimento.

Evelyn: Próxima pergunta: a participação das equipes em competições, ela é vinculada há alguma condição?

G. C. C.: Hã? Como assim:

Evelyn: Vocês precisam ter algum... A Universidade põe algum limite, tu pões algum limite para a equipe poder participar o regulamento?

G. C. C.: Ah isso aí. A gente sempre tenta entrar em campeonatos para fazer um bom resultado, se a gente tiver carência de atleta, carência de qualidade, a gente prefere privar o nome da Universidade, a participar e passar vergonha, mas quanto mais às meninas e os rapazes jogarem pegando experiência emocional e de jogo, melhor.

Evelyn: Bom, próxima pergunta: quando alguma das equipes se torna campeã, nesse mesmo ano, ela ganha algum bônus, benefício ou privilegio? E quando o ao contrario acontece? Elas têm um desempenho insatisfatório, sofrem algum tipo de consequência?

G. C. C.: Nenhuma das duas.

Evelyn: Próxima pergunta: qual é o incentivo realizado pela Universidade para que os alunos participem das equipes, principalmente os que não são alunos da Educação Física, seja licenciatura ou bacharelado?

G. C. C.: Eles não tem gasto nenhum e relacionado ao Handebol. E competição, viagens, alimentação em competição, tudo a universidade procura suprir essas necessidades. Quanto há isso, não tem nenhuma reclamação.

Evelyn: Próxima pergunta: no teu ponto de vista, o que pode ser considerado como um ponto forte na estrutura do esporte universitário na UFRGS? É algo que esteja auxiliando no progresso e deva continuar existindo?

G. C. C.: Acho que principalmente a minha relação com o diretor dos esportes. É uma relação muito boa, muito aberta, que fala bastante, penso que a gente deveria usar o espaço aqui da ESEF, principalmente para os esportes e... Acho que é isso.

Evelyn: Bom, próxima pergunta: o que tu pensas que pode ser feito para melhorar a estrutura do esporte universitário na UFRGS?

G. C. C.: Olha, eu penso que como nós somos uma universidade federal, nós não podemos oferecer bolsas, então a gente tenta suprir essa falta de bons atletas de egresso de vestibular, com as matriculas especiais e isso vem nos ajudado bastante, mas eu acho que uma ajuda de custo, principalmente bolsas, é uma ideia meio utópica, mas seria muito válida.

Evelyn: Próxima pergunta: como é que realizada a aquisição de materiais para as equipes?

G. C. C.: A gente faz três orçamentos do material que a gente quer, assim como qualquer via estatal, tu faz três orçamentos, escolhe aquele que é mais barato, repassa para a controladoria e o dinheiro sai e nós compramos.

Evelyn: Próxima pergunta: na tua opinião, a participação do aluno numa equipe esportiva, ela auxilia num melhor rendimento acadêmico?

G. C. C.: Com certeza! Além de ter o envolvimento socioeducativo dentro das equipes, o atleta se sente valorizado, sente motivado, além de a atividade física melhorar principalmente a parte cognitiva, tanto no jogo, quanto na atividade acadêmica.

Evelyn: Próxima pergunta: há algum planejamento, cronograma que seja trabalhado com a equipe em busca de um melhor rendimento nos campeonatos?

G. C. C.: Com certeza! A gente periodiza todos os treinamentos através de tabelas, através de teste, mas ele está sempre sujeito a mudar conforme as necessidades da equipe, principalmente em carência técnica e tática, carência física, infelizmente, como nós não temos tanto tempo hábil para trabalhar na parte tática, na parte física, desculpa, a gente tenta suprir cada vez mais a carência de parte técnica e tática.

Evelyn: Muito obrigada! **[[[Fim da gravação]]]**